

Mobilização social e educomunicação nas Salas Futura de Campo Limpo e do Bairro da Luz: o papel do mediador no diálogo com a comunidade, numa iniciativa do Canal Futura

VANESSA TEIXEIRA PIPINIS

“A mobilização social não é uma oportunidade de conseguir pessoas para ajudar a viabilizar nossos sonhos, mas de congrega pessoas que se dispõem a contribuir para construirmos juntos um sonho, que passa a ser de todos”. Bernardo Toro.

Graças ao avanço tecnológico e ao aparecimento e/ou aprimoramento de novas TICs, os processos comunicacionais e educativos ganharam outra dimensão, dando aos saberes e à informação uma configuração de centralidade na produção cultural (Hall, 1997). Com efeito, a TV, o rádio e a internet se transformaram em ferramentas poderosas, que colocam à disposição do sujeito uma grande quantidade de dados, notícias e informações fragmentadas que reiteram, complementam ou se opõem aos conteúdos formais e sistemáticos dos currículos escolares, fazendo com que a circulação e a troca de informações seja uma das principais características da contemporaneidade. Não é possível, portanto, deixar de considerar o lugar estratégico que a comunicação ocupa nos novos modelos de sociedade, em especial da televisão, que domina espaço de destaque nessa dinâmica.

É neste contexto que o Canal Futura se posiciona como um “projeto de comunicação social”. Para além dos conteúdos exibidos na tela, o Futura atua de forma presencial em todos os territórios do país, por meio de uma área de mobilização e articulação comunitária.

ria que atua em parceria com instituições públicas, privadas, redes, ONGs e movimentos populares, mediando “um processo de diálogo crítico e constante, que permite incluir na dinâmica do Canal a perspectiva de grupos sociais, singularidades e organizações da sociedade civil, trazendo temáticas prementes da agenda social brasileira. Essa prática permite a inclusão na tela da TV de novos temas, novas perspectivas, novos sotaques, estéticas e uma diversidade mais ampla de pontos de vista”¹.

Cabe, portanto, à equipe de mobilizadores acompanhar os espaços de participação da sociedade civil, mediar o desenvolvimento de conteúdos e metodologias educacionais, conduzir processos formativos e, inclusive, disponibilizar e implementar conteúdos do Futura junto aos mais diversos parceiros locais². Nesse processo os conteúdos do Futura são reapropriados por diversas redes e movimentos, funcionando como disparadores de processos formativos e ferramentas para atividades de mobilização social.

Entre os projetos mantidos pela área de mobilização e articulação comunitária está o Projeto Sala Futura, que se configura como uma parceria entre o Futura e diversas organizações da sociedade civil, com objetivo de promover a troca de saberes entre jovens, educadores e comunidades a partir de uma midiateca que funciona como um espaço de incentivo ao pensamento crítico, à criatividade e também à construção coletiva do conhecimento.

Graças à mediação de um monitor, a Sala Futura oferta à comunidade onde está inserida, além do espaço físico, conteúdos em audiovisual para facilitação de encontros e oficinas, metodologias de uso do vídeo em processos de mobilização e articulação comunitária e materiais pedagógicos para formação continuada de educadores e multiplicadores nas mais diversas temáticas. A Sala ainda funciona como um espaço de reprodução gratuita dos programas que compõem o acervo. A ideia que norteia o projeto é a de “praça pública”, local em que as mais diversas atividades são cocriadas e concretizadas a partir dos mais diversos temas, englobando desde oficinas sobre meio ambiente e saúde à ações de sensibilização para enfrentamento ao abuso e exploração sexual infantil.

É nesse cenário que a figura do monitor ganha destaque: a partir de um processo contínuo de mapeamento e articulação com a comunidade, cabe ao mediador construir canais de comunicação horizontalizados e acolhedores, a fim de identificar os temas prioritários emergentes no entorno da Sala, criando e fomentando ecossistemas comunicativos entre as mais diversas instituições mapeadas e tendo como objetivo final a construção colaborativa

1 <http://www.futura.org.br/mobilizacao/>. Acesso em 29/08/2016, às 20h31.

2 Ao longo 15 anos de atuação, mais de 16.000 instituições foram impactadas por este trabalho (44% na Região Nordeste e 33% da Região Sudeste), totalizando mais de 441.000 educadores formados para o uso pedagógico da programação do Futura em suas atividades.

de projetos, além da melhoria da capacidade de expressão, comunicação e emancipação de todos atores envolvidos.

Trata-se, pois, de uma metodologia de trabalho alinhada à educomunicação e que materializa suas ações em áreas de intervenção social bem definidas, quais sejam: ações de educação para comunicação; ações de mediação tecnológica em processos educativos e também em ações de gestão da comunicação em espaços educativos, por meio do planejamento e realização de processos e procedimentos que se articulam no âmbito da comunicação, cultura e educação (SOARES, 2000).

Dessa forma, a figura do monitor, como é entendida no Projeto Sala Futura, também estaria alinhada à figura do educador, compreendido como o profissional, na definição de Soares, capaz de “elaborar diagnósticos no campo da inter-relação Educação/ Comunicação; coordenar ações e gestões de processos, traduzidos em políticas públicas; assessorar os educadores no adequado uso dos recursos da comunicação ou promover, ele próprio, quando lhe cabe a tarefa, o emprego cada vez mais intenso das tecnologias, como instrumentos de expressão dos cidadãos envolvidos no processo educativo; implementar programas de “educação pelo e para os meios” e refletir sobre o novo campo, sistematizando informações que permitam um maior esclarecimento sobre as demandas da sociedade em tudo o que diga respeito à inter-relação Comunicação e Educação”³.

Para realização das ações, o monitor do Projeto Sala Futura recebe uma formação inicial promovida pela equipe de mobilização e articulação do Futura e é acompanhado sistematicamente, por meio de formações continuadas, além de ser supervisionado diretamente pela instituição que abriga a Sala. O caminho formativo trilhado começa com a apropriação do acervo que compõe o espaço e com o início de um trabalho de planejamento de ações, o que envolve realizar o diagnóstico da comunidade e o mapeamento de instituições e organizações atuantes na região, além de iniciar, com elas, um processo de articulação.

Essa fase inicial apresenta diversos desafios: o primeiro deles implica na própria apropriação dos conteúdos da Sala Futura, cujos temas são muito variados e abrangentes, englobando desde materiais voltados à promoção da saúde e enfrentamento à pobreza, passando por infância, juventudes, diversidades, democracia e meio ambiente, entre outros. Outro desafio que merece menção é a compreensão da dimensão mediadora da função do monitor, sendo que por essa dimensão entendo a capacidade e sensibilidade para realizar

3 SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação / Educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Disponível em: www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf, acesso em 30/08/2016, às 16h03

diagnósticos na interface entre educação e comunicação a partir de espaços de escuta genuína. Promover o deslocamento da postura daquele que simplesmente *oferta* atividades descoladas da real necessidade da comunidade para aquele que *constrói* atividades com e para o público atendido não é simples e envolve uma visão mais dialógica e democrática de educação, uma visão horizontalizada de processos educativos e comunicacionais e ainda outros tempos: o tempo da construção de laços e vínculos de confiança entre Sala Futura e comunidade, o tempo do amadurecimento das ideias e necessidades da comunidade, o tempo do diálogo e da troca entre diversos atores e o tempo da construção coletiva de ações. É só então que o processo de mobilização social, segundo Toro (2007; p.13), pode acontecer: “quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, cotidianamente, resultados decididos e desejados por todos. Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados”. Nesse sentido, a Sala Futura é um espaço privilegiado de mobilização social, cabendo ao monitor a mediação de todas as etapas que levem a esse resultado.

Num segundo momento, quando as fases da apropriação do acervo e articulação local estão vencidas, cabe ao monitor conduzir ações formativas como oficinas e rodas de conversa, além de manter a rede articulada, engajada e ativa. Aqui os desafios também são muitos, especialmente no que diz respeito à alta rotatividade do quadro de funcionários das organizações sociais, o que se traduz num recomeço constante das ações de articulação e também do crescente enxugamento nos quadros, o que pode ser entendido como pouco tempo e disponibilidade para encontros e processos de construção coletiva. Mas não é só: o território onde a Sala Futura está presente também revela suas próprias potências e desafios. Nas terras paulistanas as experiências da Sala Futura Campo Limpo e a Sala Futura Luz trazem suas próprias revelações e vocações.

Sala Futura Campo Limpo: crianças, adolescentes e jovens no centro das ações.

Fruto de uma parceria com o Projeto Arrastão, organização referência na área da criança e adolescente, a Sala Futura Campo Limpo foi inaugurada em 28 de outubro de 2011 no Campo Limpo, zona sul da cidade. A região, divisa com Taboão da Serra, é habitada por mais de 13% da população de São Paulo e é considerada, de acordo com dados de 2014 da Secretaria de Segurança Pública, a mais violenta da cidade. Além de implicações como evitar sair à noite e a livre circulação pelo bairro, esse cenário traz também um alto grau de insatisfação dos

moradores, como revela o IRBEM⁴ 2016. O bairro também conta com poucos equipamentos como centros culturais, bibliotecas e parques públicos para uso da comunidade.

Foi exatamente neste cenário que a primeira Sala Futura paulistana nasceu, vocacionada com a temática da promoção e defesa dos direitos da criança e adolescente e também temáticas voltadas para a juventude, uma vez que essa é a característica principal do público atendido pelo Projeto Arrastão, organização que abriga a Sala. Trata-se pois, de um contexto em que há alto número de atendimentos e ações realizadas pelo próprio parceiro, o que, conseqüentemente, também implica no significativo uso da Sala pelos próprios educadores do Projeto Arrastão para realização de oficinas de artes, exibição de vídeos, rodas de conversa e de leitura, por exemplo.

Além disso, a Sala Futura Campo Limpo também funciona como espaço onde acontecem reuniões de equipamentos da região, servindo como ponto de encontro e de troca entre profissionais da saúde das UBS (Unidades Básicas de Saúde) e Assistência Social.

Prestes a completar 5 anos de existência, a Sala Futura Campo Limpo se firmou como um espaço que oferece conteúdos em audiovisual para uso interdisciplinar pelos próprios educadores das mais diversas áreas do Projeto Arrastão como também para organizações do entorno, que acionam o espaço para acesso a materiais e conteúdos voltados especialmente para os temas da saúde e meio ambiente, as principais demandas da comunidade. Outro foco de atuação é a parceria com escolas da região, que também estabelecem os mais diversos vínculos com o espaço, como o uso do acervo em projetos pedagógicos, o uso do espaço para encontros de planejamento pedagógico e até mesmo para formação continuada de professores.

Sala Futura Luz: multiculturalidade e desigualdade social como potencializadores da ação.

Inaugurada em 27 de janeiro de 2014 a Sala Futura Luz foi fruto da parceria entre Futura e Museu da Língua Portuguesa, um dos mais conceituados e populares museus da cidade. A segunda experiência da Sala Futura em São Paulo teve como palco uma das regiões mais complexas e ricas da cidade: o bairro da Luz, que abriga uma expressiva população migrante, comunidades tradicionais como a judaica, um grande centro popular de compras e muitos equipamentos de cultura, como a Pinacoteca de São Paulo, o Museu de Arte Sacra e o Memorial da Resistência. Há uma grande concentração de escolas, universidades e também de equipamentos de saúde e assistência social, pois a região também comporta muitas pessoas em situação de rua, ocupações e coletivos de luta por moradia e ainda pontos de trabalho para profissionais do sexo e transexuais.

4 Indicadores de Referência de Bem-Estar no Município, realizado pela Rede Nossa São Paulo

Na complexidade evidenciada pelo próprio território a Sala Futura, além de dialogar, em primeiro plano, com o acervo do Museu e suas exposições temporárias, privilegiando a língua portuguesa e a cultura brasileira, também construiu sua vocação a partir de temas ligados à cidadania, como direito à moradia, as drogas e também a exploração sexual infantil, presentes no território.

O trabalho de articulação e mapeamento realizado no local demandou da função do monitor grande flexibilidade, uma vez que os públicos atendidos eram muito diferentes. Além disso, os tempos para construção dos vínculos e laços de confiança também foram acentuados: como construir vínculos com moradores de ocupações, que vivem sob a ameaça constante de uma desocupação? Como estabelecer vínculos com indivíduos que não se percebem cidadãos e portanto sujeitos de direito de ações culturais e educativas? Como mobilizar a população em situação de drogadição, cujo engajamento é dificultado por óbvios problemas de saúde? Como trabalhar com os migrantes, que revelam o constante medo da deportação (e, portanto, precisam permanecer invisíveis) e enfrentam a barreira da língua? Como envolver as profissionais do sexo, criando a essas mulheres e transexuais um ambiente acolhedor e livre de julgamento? Essas foram apenas algumas das questões desafiadoras que acompanharam todo o trabalho feito na e pela Sala Futura Luz.

Foi somente partir de processos de escuta com esses diversos públicos que foi possível realizar ações como oficinas de fanzine com jovens, oficinas formativas para professores, oficinas com crianças e adolescente sobre questões étnico-raciais, encontros focados em saúde e sexualidade para profissionais do sexo, ações informativas sobre DST/Aids e diversas rodas de diálogo a partir de temas escolhidos pelos próprios atendidos. A experiência da Sala Luz comprovou que a multiculturalidade e extrema desigualdade social podem ser elementos potencializadores das ações realizadas, desde que reformulemos nosso olhar: em vez de olhar para a comunidade a partir de nosso próprio filtro, é essencial promover processos comunicativos não apenas como ferramenta pedagógica, mas sim como estratégias de diálogo e mediação (MIRANDA, 2008), adotando múltiplas metodologias e genuína escuta das necessidades e desejos locais para, a partir daí, facilitar processos de mobilização social. Com o incêndio que devastou o Museu da Língua Portuguesa em dezembro/2015 a Sala Futura Luz encerrou suas atividades, deixando um grande legado ao Projeto.

Considerações Finais.

O Projeto Sala Futura se propõe a ser um espaço de troca e construção coletiva nos territórios onde está localizado. Podemos afirmar que sua metodologia de trabalho está alinhada à educomunicação e que o monitor, figura que faz a mediação entre o espaço e a comunidade, é um educador.

A dimensão do diálogo e fluxos de comunicação com a comunidade são essenciais para o sucesso das ações desenvolvidas nas Salas, mas além deles destaco algumas funções e habilidades próprias da função do monitor da Sala Futura: a) a realização de aproximações entre as temáticas demandadas pelos usuários e o acervo da Sala; b) flexibilidade no relacionamento com diversos públicos; c) capacidade de articulação com organizações e coletivos de múltiplas naturezas; d) capacidade condução de oficinas e ações formativas e) capacidade de criar espaços horizontalizados de diálogo f) capacidade de realizar diagnóstico no campo da inter-relação entre educação e comunicação g) capacidade de identificar temáticas norteadoras para os projetos criados *para* e *com* a comunidade. Por fim, entre todos esses papéis, destaco a capacidade de diálogo e escuta. Certa vez, nos idos de 2014, numa tentativa de aproximação com mulheres de meia idade profissionais do sexo, apresentei a possibilidade de palestras sobre saúde, mas mesmo com todas (e as melhores) justificativas para “vender” a ideia, o desinteresse foi grande. Depois de usar todos meus argumentos, finalmente perguntei: “Mas o que você acha que seria interessante?”. E ouvi de volta: “Não que eu não ache isso importante. Mas na verdade o que eu mais *queria* mesmo é aprender a ler”. Para construir pontes é preciso saber ouvir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, n.22, 1997.

MIRANDA, Moema. Canal Futura: Mobilização, ação política e democracia: haverá vez para a voz mais tênue? IN: GARCIA, Débora; BRANDÃO, Ana Paula (orgs). **Comunicação e transformação social. A trajetória do Canal Futura**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. IN: **Comunicação & Educação**, São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação / Educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Disponível em: www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf , acesso em 30/08/2016, às 16h03

TORO, José Bernardo. **Mobilização social – um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.